

# Reação materna frente à expressão emocional de raiva e tristeza dos filhos

Reactions of mothers facing the emotional expressions of anger and sadness of their children.

Reacción materna delante la expresión emocional de la rabia y tristeza de los hijos

**Aline Henriques Reis** ✉

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Filiação institucional e endereço para correspondência: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Cidade Universitária, Caixa Postal 549. CEP 79070-900. Campo Grande – MS.

**Luiza Bernardini Ferrari**

Graduada em Psicologia pela Faculdade Assis Gurgacz. Psicóloga da Prefeitura da Cascavel-PR.

**Tânia Mara Sperb**

Doutora em Psicologia pela University of London. Professora colaboradora convidada do PPG Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este artigo foi desenvolvido como parte do doutorado da primeira autora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, em parceria com a Faculdade Assis Gurgacz, Cascavel-PR, com bolsa de iniciação científica da segunda autora.

## RESUMO

Emoções são fundamentais para as relações interpessoais. Na aprendizagem do manejo emocional, a interação entre pais e filhos é primordial. Neste estudo, objetivou-se analisar as reações das mães frente às expressões emocionais de raiva e tristeza dos filhos. Utilizou-se um estudo de casos coletivos que contou com 30 mães, com idade média de 34,8 anos pertencentes às classes de A a C, possuindo dois ou mais filhos com idade entre cinco e dez anos. Empregaram-se duas perguntas abertas investigando uma situação em

---

que o filho sentiu tristeza e raiva e duas histórias-estímulo baseadas na literatura para as mesmas emoções. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Realizou-se Análise de Conteúdo quantitativa e qualitativa que mostrou um uso preponderante de estratégias desadaptativas, especialmente a punição e minimização para raiva e punição e substituição para tristeza. A reação centrada no problema foi indicada frente à tristeza quando o eliciador relacionava-se à perda.

**Palavras-chave:** emoções; raiva; tristeza

## ABSTRACT

*Emotions are essential to interpersonal relationships. The interaction among parents and children is vital in the learning of emotional management. The aim of this study was to analyze the reactions of mothers facing the emotional expressions of anger and sadness of their children. It was used a case study with 30 mothers, mean age 34.8 years old, belonging to social classes A to C and having two or more children aged between five to ten years old. Two open questions were applied to investigate a situation in which the child felt sadness and anger and two stimulus-stories based on literature to the same emotions were used. The interviews were recorded and transcribed. A quantitative and qualitative content analysis was carried out, which showed preponderant use of maladaptive strategies, especially for punishment and anger minimization as well as punishment and replacement for sadness. The reaction focused on the problem was indicated to the sadness when related to loss.*

**Keywords:** emotions; anger; sadness

## RESUMEN

*Emociones son fundamentales para las relaciones interpersonales. En el aprendizaje del manejo emocional, la interacción entre padres e hijos es primordial. En el presente estudio, se objetivó analizar las relaciones de las madres delante a las expresiones emocionales de rabia y tristeza de los hijos. Se utilizó un estudio de casos colectivos que contó con 30 madres, con edad media de 34,8 años, perteneciendo a las clases de A hasta C, poseyendo dos o más hijos con edad entre cinco y diez años. Fueron aplicadas preguntas abiertas investigando una situación en que el hijo sintió tristeza y rabia, y dos historias-estímulo basadas en la literatura para las mismas emociones. Las entrevistas fueron grabadas y transcritas. Se realizó Análisis de Contenido cuantitativa y cualitativa que mostró un uso preponderante de estrategias desadaptativas, especialmente la punición y minimización para rabia y punición y sustitución para tristeza. La reacción centrada en el problema fue indicada frente la tristeza cuando el inductor se relacionaba a la pérdida.*

**Palabras-clave:** emociones; rabia; tristeza

## INTRODUÇÃO

As emoções são aspecto fundamental das relações interpessoais (Thompson, 2001). Elas permitem a avaliação dos estímulos do ambiente de forma rápida, preparam e motivam as pessoas para a ação, configuram-se como formas de expressão que indicam aos outros as intenções pessoais e auxiliam no controle das relações sociais (Zinck & Newen, 2008). Apesar de auxiliarem nas respostas frente às diferentes ocasiões e desafios, são mais adaptativas e permitem maior alcance de objetivos quando os indivíduos são capazes de perceber como e quando regulá-las (Arango, 2007).

A regulação emocional (RE) ocorre por meio do monitoramento, da avaliação, inibição/manutenção e modulação da intensidade das emoções (Eisenberg & Spinrad, 2004; Thompson, 2001). Para Bridges, Denham, e Ganiban (2004), tal habilidade envolve a capacidade de ser maleável e adaptar-se frente às situações do dia-a-dia por meio da modificação dos estados emocionais, diminuindo os estados negativos e mantendo ou iniciando estados positivos.

Durante o desenvolvimento infantil, as crianças aprendem a manejar os próprios estados emocionais e criam estratégias para identificar os diferentes tipos de emoções. Este processo de RE infantil envolve fatores cognitivos e neurofisiológicos, como o funcionamento dos sistemas nervoso e endócrino (Santos, 2005), além de fatores intrínsecos e extrínsecos. Inclui-se como intrínseco o temperamento que se relaciona às características individuais. Já os fatores extrínsecos envolvem a cultura, com uma expectativa social relacionada à maneira pela qual as emoções devam ser demonstradas, o ambiente/

contexto em que a emoção ocorre, a relação das crianças com pares/cuidadores e as características parentais (Almeida, 2006; Fox & Calkins, 2003).

A interação entre pais e filhos é primordial para a aprendizagem do manejo das emoções (Gross & Thompson, 2009; Thompson & Meyer, 2007). A maneira como os pais lidam com as expressões emocionais dos filhos está intimamente ligada ao importante papel que eles têm no desenvolvimento social e interpessoal das crianças. (Almeida, 2006; Gross & Thompson, 2009). É necessário que os pais eduquem os filhos de modo a capacitá-los a identificar e aprender a lidar com as emoções para que as crianças possam perceber como estas alteram a capacidade de resolver problemas e tomar decisões (Lopes & Lopes, 2008) e, ainda, como auxiliam nas escolhas frente aos desafios e desapontamentos do dia-a-dia (Clark, 2009).

Ao incentivar os filhos a falar sobre as próprias emoções e nomeá-las, os pais auxiliam as crianças a conhecer, diferenciar e aceitar as experiências emocionais mais facilmente. Tais habilidades configuram um funcionamento emocional competente (Kopp, 1989; Melo, 2005). Além disso, as crianças que são amparadas pelos pais nos momentos em que apresentam expressões emocionais negativas, além de ter mais facilidade para regular as próprias emoções, conseguem reconhecer as emoções alheias em diferentes situações (Garner, Jones, & Miner, 1994).

Quando não existe suporte parental para que os filhos aprendam a expressar e adequar as emoções ao cotidiano, as disfunções emocionais aparecem (Almeida, 2006). Graziano, Reavis, Keane, e Calkins (2007) verificaram, por meio de entrevistas com

pais, que crianças que conseguem regular as emoções possuem melhores resultados escolares e de produtividade em sala de aula, assim como se saem melhor em testes de alfabetização e matemática.

Sabe-se que os pais podem auxiliar no desenvolvimento de habilidades de regulação emocional dos filhos, já que possuem fortes laços afetivos, os conhecem bem e estão durante boa parte do tempo ao lado dos mesmos. As mães, em especial, auxiliam as crianças a interpretar os estímulos emocionais que se apresentam no ambiente, pois são sensíveis ao crescimento e à evolução da linguagem dos filhos e falam sobre emoções com os mesmos de maneiras diferentes na medida em que se desenvolvem (Del Barrio, 2002).

No decurso do diálogo sobre emoções entre pais e filhos, os pais podem ensinar que as emoções podem ser alteradas por meio do redirecionamento da atenção ou do pensamento, que as crianças podem respirar profundamente para que se sintam melhores psicologicamente e ainda que procurar ajuda de pessoas mais velhas pode auxiliá-las a lidar com situações emocionalmente estimulantes (Thompson & Meyer, 2007).

Morris, Silk, Steinberg, Myers, e Robinson (2007) dividiram a maneira como os pais influenciam na regulação emocional infantil em três categorias. A primeira especifica que as crianças aprendem a regulação emocional por aprendizagem social e modelos que lhes são expostos. A segunda inclui práticas parentais relacionadas com o manejo das emoções. Já a terceira inclui fatores associados aos estilos parentais, ao clima emocional familiar, a como seus integrantes expressam o que sentem, e ainda ao relacionamento conjugal.

A forma como os pais lidam com a expressão emocional negativa dos filhos pode ser acessada por meio da *Coping with Children's Negative Emotions Scale* (CCNES) (Fabes, Eisenberg & Bernzweig, 1990), em fase de adaptação no Brasil. Trata-se de uma escala de autorrelato que avalia a resposta parental às emoções raiva/frustração, tristeza, ansiedade/medo e emoções sociais negativas (humilhação em contexto de pares e vergonha) apresentadas pelas crianças.

Melo (2005) avaliou as estratégias de pais e mães frente às emoções negativas das crianças por meio da versão portuguesa reduzida da escala CCNES (Fabes et al., 1990). A análise dos resultados foi realizada considerando-se dois grandes agrupamentos de resposta: as reações construtivas e negativas. As reações construtivas compõem-se dos itens da escala: reação centrada no problema, reação centrada na emoção e encorajamento expressivo. A reação centrada no problema auxilia as crianças a lidar com as emoções focando no que as desencadeou. Enquanto na reação centrada na emoção os pais auxiliam a criança a encontrar estratégias para lidar com o que está sentindo e no encorajamento expressivo os pais encorajam o filho a expressar as emoções. As reações negativas envolvem as reações perturbadas (que ocorrem no momento em que os pais se sentem desconfortáveis frente à expressão emocional negativa da criança), punitivas (quando os pais punem verbal ou fisicamente a expressão de uma emoção) e de minimização (tentativa de restringir a expressão dos sentimentos pela desvalorização dos mesmos ou dos problemas que os desencadearam).

Verificou-se que tanto os pais quanto as mães tendiam a reagir com mais frequência utilizando estratégias construtivas, embora ao se comparar a amos-

tra global os pais tenham tendido a apresentar mais reações construtivas do que as mães. Ainda, que as reações positivas dos pais e das mães são mais frequentes perante emoções mais internalizantes, como a tristeza, humilhação/vergonha ou ansiedade/medo, do que perante emoções mais externalizantes, como a raiva. Não obstante, pais e mães tenderam a apresentar reações negativas tanto para tristeza como para raiva. A autora discute a hipótese de uma possível tendência dos progenitores a não responderem à raiva expressa pela criança e evitarem o contato com essa emoção. Sugere ainda que as tentativas parentais de ignorar as emoções da criança estejam associadas a piores resultados desenvolvimentais das mesmas (Melo, 2005).

Cassano, Perry-Parrish, e Zeman (2007) pesquisaram as respostas de mães e pais em relação a situações hipotéticas retiradas da escala CCNES (Fabes et al., 1990) em que os filhos apresentavam tristeza. Estas reações foram analisadas de acordo com o gênero parental. Constatou-se que, em geral, os pais tendem a responder à tristeza com comportamentos que minimizam o sentimento. Todavia, pais e mães diminuem a frequência com a qual empregam a minimização quando as crianças se tornam mais velhas. O uso do encorajamento expressivo é mais comum para as meninas do que para os meninos, sendo que as mães foram mais propensas a usar essa estratégia frente à tristeza do que os pais, especialmente em relação aos filhos mais velhos. As mães relataram sentimentos de tristeza e angústia frente à expressão de tristeza das filhas e tenderam a incentivar a expressão emocional dos filhos utilizando estratégias focadas na resolução de problemas. Este estudo indicou que as maneiras como pais e mães lidam com as emoções dos filhos variam conforme o gênero e a idade destes ocorrendo uma alteração

nas estratégias empregadas conforme as crianças se tornam mais velhas.

Eisenberg, Fabes, e Murphy (1996) analisaram as reações de mães e pais frente às emoções negativas de 148 crianças da terceira a sexta série da escola primária com o uso da escala CCNES (Fabes et al., 1990). As mães da amostra avaliada, mais do que os pais, tenderam a agir de modo positivo frente às emoções negativas apresentadas pelos filhos (1) encorajando-os a expressar o sentimento negativo e validar este estado emocional; (2) focando nas emoções, através da utilização de estratégias que auxiliam as crianças a se sentirem melhor; e (3) focando nos problemas, ajudando os filhos a resolverem ou lidarem com o problema que causou as dificuldades e angústias. Os autores concluíram ainda que a baixa popularidade e a falta de competência social dos filhos estão relacionadas às reações dos pais que minimizam e punem as expressões emocionais.

Considerando os prejuízos relatados quanto a não se falar das emoções ou não expressá-las de forma adequada, buscou-se verificar como as mães lidam com as emoções de raiva e tristeza dos filhos. Este trabalho verificou especificamente a segunda categoria citada por Morris et al. (2007), relacionada às práticas parentais frente às emoções dos filhos, ou seja, qual a reação das mães frente à expressão emocional de raiva e tristeza dos filhos.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram da pesquisa 30 mães com idade entre 25 e 47 anos ( $M = 34,8$  anos,  $DP = 5,7$  anos) e renda mensal de R\$ 1.100,00 a R\$10.000,00 reais ( $M = R\$ 4956,00$  reais,  $DP = R\$ 4.530,26$  reais), abran-

gendo as classes socioeconômicas A1 a C2 do Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2012). O nível de escolaridade esteve entre o Ensino Fundamental Incompleto e Pós-graduação, sendo que as mães estudaram de 4 a 18 anos (média de 12,4 anos). As profissões incluíam diarista/doméstica (5), supervisora/gerente/administradora (4), vendedora (4), pedagoga/professora (3), auxiliar administrativa/de produção (3), do lar (3), veterinária, fonoaudióloga, caixa, comerciante, camareira, psicóloga, funcionária pública, farmacêutica (uma participante para cada profissão). Em relação ao estado civil, participaram 25 casadas (83,3%), 2 recasadas (6,7%), 2 divorciadas (6,7%) e 1 solteira (3,3%). A idade dos filhos mais novos variou de 5 a 8 anos ( $M = 6,5$  anos) e dos mais velhos de 6 a 10 anos ( $M = 9$  anos).

O número de participantes foi designado conforme a saturação dos temas a partir da análise de dados (Barker, Pistrang, & Elliott, 2002). Verificou-se que com 30 participantes os objetivos da pesquisa foram respondidos sendo que o número maior de participantes não trouxe novas informações relevantes.

Os critérios de inclusão da amostra foram assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e ter dois ou mais filhos com idade entre cinco e 10 anos. As participantes foram selecionadas conforme a técnica em cadeias (*snowball*) (Goodman, 1961), ou seja, a partir da identificação de mães que preenchiam os critérios de inclusão na pesquisa solicitou-se que estas informassem sobre outras pessoas que preenchiam os mesmos critérios, constituindo-se estas também em informantes para a identificação de outros sujeitos com as mesmas características para serem incluídos no estudo.

## Instrumentos

Foram utilizadas duas perguntas abertas: “Conte uma situação em que seu filho sentiu tristeza” e “Conte uma situação em que seu filho sentiu raiva” e duas histórias-estímulo, baseadas na literatura (Fabes et al., 1990; Shields, Ryan, & Cicchetti, 2001), para direcionar a fala das mães.

História 1 (emoção tristeza): “Você sai para passear com seu(a) filho(a) e ele(a) leva o brinquedo preferido dele(a). Ao chegar em casa após o passeio, ele pergunta a você onde está o brinquedo. Você diz que não sabe e que ele perdeu o brinquedo favorito, do qual gostava muito. Seu(a) filho(a) fica muito triste e então começa a chorar bastante. O que acontece depois?”.

História 2 (emoção raiva): “Seus filhos estão assistindo TV e o(a) irmão(ã) menor quer brincar com o(a) irmão(ã) mais velho(a). Porém, o mais velho prefere assistir ao desenho que está passando. Então o(a) filho(a) mais novo(a) muda o canal da TV, faz birra e puxa a roupa do filho (a) mais velho(a). Este fica com muita raiva e começa a gritar com o(a) irmão(ã) para que ele pare de incomodar. Você que estava na cozinha ouve o barulho e vai até eles. O que acontece depois?”.

## Delineamento e Procedimentos

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo, transversal, e que usa um delineamento de estudo de casos coletivos (Stake, 1994). O método utilizado foi o da entrevista narrativa (Bauer & Jovchelovitch, 1999).

As primeiras participantes foram selecionadas a partir da rede de contatos da pesquisadora. Na sequência, uma participante indicava outra e for-

necia o número do telefone, assim a pesquisadora realizava o contato inicial para explicar o objetivo do trabalho, e havendo o interesse pela participação, era marcado um horário para realização das entrevistas.

A coleta de dados foi realizada na residência das mães evitando a presença dos filhos no momento. As entrevistas foram gravadas mediante o consentimento das participantes, tendo a duração média de 30 minutos cada. Às participantes foi solicitado, primeiramente, que relatassem uma situação na qual um de seus filhos tenha apresentado tristeza: “Conte uma ocasião em que seu filho sentiu tristeza”, e em seguida, que produzissem uma narrativa em relação a uma história-estímulo que versava sobre esta emoção em uma circunstância do dia-a-dia entre mães e filhos. O mesmo método foi abordado na sequência, porém a emoção em destaque era a raiva.

Os procedimentos éticos envolvidos nesta pesquisa estão em conformidade com a Resolução 196/96 do Ministério de Saúde para pesquisa em humanos, em vigência à época de submissão, tendo sido o estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Assis Gurgacz, Cascavel-PR, sob o protocolo 106/2011.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

A análise dos dados foi efetuada comparando-se os casos e avaliando aspectos homogêneos e heterogêneos encontrados entre eles (Stake, 1994). Foram realizadas análises de conteúdo (Bardin, 1977) e geradas estruturas de categorias temáticas com base na literatura (Cassano et al., 2007; Eisenberg et al., 1996; Melo, 2005; Shields et al., 2001) e nas narrativas produzidas pelas mães.

As categorias derivadas da literatura foram: distração, reação centrada no problema, validação das emoções, reação punitiva, reação de minimização (Eisenberg et al., 1996; Cassano et al., 2007; Shields et al., 2001) e reação perturbada (Melo, 2005). A categoria distração refere-se a ações das mães que diminuem a intensidade da emoção da criança alocando a atenção da mesma em outro evento que a faça esquecer-se da situação que ativou aquela emoção perturbadora. Reação centrada no problema envolve conversar sobre a situação tentando resolver o problema instalado ou revendo o ocorrido. Validação das emoções abrange identificar a emoção expressa pela criança e encorajá-la a nomear e discutir a experiência emocional. Shields et al. (2001) descrevem algo semelhante com relação às categorias responsividade, que ilustra a capacidade dos pais em reconhecer o sofrimento das crianças, e apoio/autonomia, que significa o respeito pelos sentimentos únicos da criança. Na reação perturbada os próprios pais experienciam emoções negativas e um sentido de desorganização perante a expressão emocional negativa da criança. A reação punitiva envolve a punição ou restrição da expressão emocional da criança por parte dos pais. Shields et al. (2001) nomearam essa categoria como coerção física, que envolve bater, empurrar, dar palmadas. A reação de minimização abrange comportamentos que desvalorizam a importância da reação da criança, da emoção expressa ou do problema que a desencadeou. Nomenclatura diferente foi usada por Shields et al. (2001), chamando de coerção emocional a indução de estados emocionais negativos, como vergonha, medo, ou ridicularização da criança. Optou-se por manter as categorias semelhantes às propostas pelo instrumento CCNES (Fabes et al., 1990) utilizado por (Cassano et al., 2007; Eisenberg, et al., 1996; Eisenberg et al., 1999; Fabes, Leonard, Kupatoff, & Martin, 2001; Melo, 2005).

Quanto às categorias empíricas, emergiu dos dados a categoria “substituição”. Esta foi empregada em situações em que as mães relataram a perda como eliciador da emoção e na história-estímulo em que a criança perdia um brinquedo importante. Substituir, nesse caso, abarca comprar ou adquirir algo semelhante ao que foi perdido, seja dar à criança um animal em substituição ao que morreu ou comprar um brinquedo novo.

As participantes poderiam citar em suas narrativas quantas estratégias julgassem necessárias. Quantificou-se o total de respostas de todas as mães e geraram-se porcentagens conforme as estratégias empregadas. Os resultados foram alocados no programa Excel em quatro planilhas chamadas “Histórias de tristeza expostas pelas mães” e “Histórias de raiva expostas pelas mães”, referentes às narrativas produzidas pelas mães frente às perguntas estímulos. Tais planilhas foram divididas em quatro colunas “eliciador emoção tristeza/raiva”, “categoria eliciador tristeza/raiva”, “estratégia frente à emoção tristeza/raiva” e “categoria estratégia frente à emoção tristeza/raiva”; e “História tristeza” e “História raiva”, referentes às narrativas das mães frente às histórias-estímulo. Essas planilhas foram divididas nas colunas “estratégia frente à emoção tristeza/raiva” e “categoria estratégia frente à emoção tristeza/raiva”.

## RESULTADOS

As mães relataram como eliciadores da tristeza eventos envolvendo diversos tipos de perda, por exemplo, morte de familiares e animais, perder competições, viagens e objetos materiais ou ainda a criança pensar que a mãe teria sumido por ter saído de casa sem avisar e demorar a voltar. Todas as situações envolvendo a ideia de perda corresponderam

a 60% das respostas: “Quando o nosso cachorrinho morreu.”; “Quando os meus pais, os avós dele né, faleceram”; “Ele ficou muito triste um dia que ele ganhou de aniversário um avião enorme e o mais novo derrubou, caiu e quebrou a asinha do avião dele.”; “Acho que foi o dia que ele caiu da bicicleta e daí eu fui levar ele no hospital e daí eu demorei voltar e eu liguei pra minha filha e ela chorou”. Separação ou brigas entre os pais abrangeu 16,67%: “Quando eu e meu marido se separou.”. Situações em que a criança teve um pedido negado compreenderam 6,67% das respostas: “Quando ele disse: ‘O pai não me deixou comprar o bolo porque era muito caro!’”. Ciúmes corresponderam a 6,67%: “Porque nasceu o segundo filho né e ele se sentiu rejeitado”. Assistir a uma cena de tristeza 3,3%: “Uma vez teve uma cena, eu não lembro em qual novela, que o filho ignorou a mãe, e assim ele chorou e ele chora fácil com as coisas.”. Fracasso foi motivo de tristeza em apenas uma resposta 3,3%: “Quando ela tirou uma nota baixa na escola, ela falou que tava triste e assustada”, assim como doença 3,3%: “Quando o irmão dela teve leucemia”.

A tabela 1 apresenta as frequências e percentuais totais das respostas das mães em uma situação em que um de seus filhos ou ambos sentiram tristeza, considerando o que elas acreditam eliciar a tristeza (causas) e de acordo com cada causa, as estratégias empregadas, ou seja, quais os comportamentos da mãe quando a criança se sente triste por ter perdido um animal ou um ente querido ou ainda, como a mãe age quando o filho se sente triste devido a brigas ou separação dos pais.

Situações envolvendo perda foram as que mais eliciaram tristeza e a estratégia mais empregada pelas mães frente a situações de perda foi a reação centrada

Tabela 1 - Frequências e percentuais das respostas das mães para a narrativa sobre uma situação em que um de seus filhos ou ambos sentiram tristeza

Causas	Total	Estratégias					
		Substituição	Reação punitiva	Reação centrada no problema	Validação da emoção	Reação perturbada	Distração
Perda	60%	11,11%	11,11%	55,56%	-	11,11%	11,11%
Separação/brigas pais	16,67%	-	-	-	-	40%	60%
Pedido negado	6,67%	-	-	100%	-	-	-
Ciúmes	6,67%	-	-	100%	-	-	-
Doença	3,33%	-	-	100%	-	-	-
Assistir à cena de tristeza	3,33%	-	-	-	100%	-	-
Fracasso	3,33%	-	-	100%	-	-	-

no problema, que correspondeu a 55,56% das respostas: *“Expliquei que não precisa só saber a técnica pra ganhar a competição”*. A reação punitiva em situações de perda foi relatada por duas mães (11,11%): *“Eu falei: Você tem que cuidar mais das tuas coisas pra você não perder”*. Substituição também obteve o mesmo percentual, ou seja, duas mães (11,11%): *“a vizinha teve outro cachorrinho, daí a gente deu aquele pra ele não ficar triste”*, assim como reação perturbada: *“evitava até de chorar perto delas porque daí eu via que daí aquilo prejudicava mais ainda elas”*.

Verificou-se que quando a causa da tristeza era briga entre os pais, as mães não souberam lidar com a emoção da criança, tendo uma reação perturbada: *“Eu fiquei triste também. Eu não chorei na frente dele, mas eu fiquei muito assim, prendendo pra não chorar”*. E quando o motivo envolveu separação dos pais as mães fizeram uso da distração: *“Aí a gente acaba agradando, né?”*.

Frente a um pedido negado, situação de doença, ciúmes e de fracasso houve reação centrada no problema, que envolveu conversar sobre a situação: *“Nós tentamos conversar com ela assim né? Explicar como seria o procedimento e o tratamento né, pra ela se acalmar um pouco mais”* e traçar estratégias para solucionar o problema: *“Ela tirou nota baixa na escola. Daí eu fui, fiz resumo com ela... Estudei junto”*. Quando o filho chorou por assistir a uma cena triste a resposta da mãe foi validar a emoção do filho: *“Quando ele tá triste eu tento conversar com ele e perguntar porque né?”*, sendo esta a única resposta que se direcionou à emoção da criança.

Ao serem questionadas sobre o que fariam na primeira história relacionada à emoção tristeza, as mães disseram que utilizariam as estratégias: Substituição (30,6%): *“Tentar fazer alguma coisa pra que substitua isso né. Ou comprar um brinquedo”*.

*talvez que seja parecido com aquele que ele tinha.”; punição (38,9%): “Eu iria dar uma bronca...”; reação centrada no problema: (19,4%) “A minha primeira atitude seria procurar o brinquedo.”; distração (5,6%) “Eu ia agradar pra esquecer.. com carinho mesmo!” e minimização (5,6%): “Fica tranquilo que brinquedo é qualquer coisinha, que não precisa ficar triste”.*

Os eliciadores de raiva na percepção das mães envolveram brigas da criança com irmãos e amigos 62,07%: “Quando ele tá assistindo um desenho e a mais velha vai lá e muda de canal ele sente uma raiva muito grande e chega a ficar nervoso e vermelho”; receber ordens 24,14% “Quando eu dou uma regra assim ou uma norma que tem que cumprir”. Ouvir não como resposta a alguma solicitação ou pedido, que envolve a ideia de frustração, foi a causa levantada em 13,79% das respostas: “Ele tem raiva de você falar que não, ele é muito insistente!”.

A tabela 2 apresenta as frequências e percentuais totais das respostas das mães em uma situação em que um de seus filhos ou ambos sentiram raiva, considerando o que elas acreditam eliciar a raiva (causas) e

de acordo com cada causa, as estratégias empregadas, por exemplo, quais os comportamentos da mãe quando a criança sente raiva por ter brigado com alguém, ou ainda, como a mãe age quando o filho sente raiva por receber ordens.

Brigas com amigos e irmãos foram os principais motivos geradores de raiva. Nesse caso, as estratégias se distribuíram entre reação centrada no problema (38,89%): “Quando eles brigam, eu tento convencer os dois né? A entrar num acordo. Eu tento conversar e explicar que a irmã também tem direito e não só ele”, minimização (33,33%): “A gente acaba estando tão ocupada que acaba passando meio despercebido” e reação punitiva (27,78%): “Se precisar eu entro com a vara, com a disciplina né!”.

Receber ordens foi a segunda razão, na opinião das mães, pela qual as crianças expressam raiva e, nessas situações, a principal estratégia das mães foi minimização (71,44%): “Eu finjo que não percebi. Daí passa. É mais porque ele tá nervoso na hora”, “Eu falo que não, que não adianta ficar com raiva, que não adianta ele chutar, que não adianta ele gritar né?”. Reação punitiva também foi utilizada em 14,28% das

Tabela 2 - Frequências e percentuais das respostas das mães para a narrativa sobre uma situação em que um de seus filhos ou ambos sentiram raiva

Causas	Total	Estratégias			
		Reação Punitiva	Reação centrada no problema	Validação das emoções	Minimização
Brigas	62,07%	27,78%	38,89%	-	33,33%
Receber ordens	24,14%	14,28%	14,28%	-	71,44%
Ouvir não como resposta	13,79%	25%	25%	25%	25%

ocasiões: *“Eu brigo com ele e falo que não pode fazer isso”*, assim como reação centrada no problema (14,28%): *“Dai eu converso com ela... É a melhor forma acho que é a conversa né... não tem outra”*.

Finalmente, receber uma negativa frente a um pedido também foi considerado pelas mães como eliciador de raiva nas crianças, sendo que não houve uma predominância nas respostas das mães quanto às formas de lidar com a raiva: 25% relataram emitir uma reação punitiva: *“Eu brigo, tem vezes que eu brigo e tem vezes que eu chego até a bater.”* e o mesmo número de mães respondeu com uma reação centrada no problema: *“Eu te prometi isto, mas eu não vou poder cumprir porque eu vou ter que fazer entrevista no trabalho. Lembra aquele tênis que eu comprei pra você? Se a mãe não trabalhar como que vai pagar o seu tênis?”*. 25% relataram agir validando as emoções: *“Converso bastante com os meus filhos! Quando eles tão com tristeza, quando eles tão felizes... O que faz eles se sentirem felizes e o que faz eles sentirem raiva”*. 25% referiram minimização das emoções da criança em situações de raiva frente a um pedido negado *“Explico pra ele e falo que eu acho que a tendência se ele continuar assim, ficar um adulto desse jeito ele vai sofrer muito porque as pessoas não gostam, as pessoas não aceitam assim de boa como elas aceitam uma pessoa que não demonstra tanto”*.

Em relação à segunda história que envolvia a emoção raiva, as respostas das mães se dividiram entre punir (56,7%): *“Desligo a TV e coloco os dois de castigo.”*; *“Daí eu separo, eu ponho um numa peça e outro na outra.”*; e ter uma reação centrada no problema (43,3%): *“Eu faço assim... Quem tava assistindo primeiro? Quem ligou a televisão primeiro? Quem escolheu o programa primeiro?”*.

Ao dividirem-se as estratégias empregadas pelas mães frente às situações em que os filhos apresentaram raiva e tristeza em duas categorias - estratégias positivas e negativas para o desenvolvimento emocional infantil - verificou-se o uso preponderante de estratégias negativas. Os resultados relacionados à primeira história-estímulo, que versava sobre a perda de um brinquedo pela criança, demonstraram que as mães agiram em sua maioria com estratégias consideradas negativas para o desenvolvimento emocional infantil, sendo elas substituição (30,6%) e punição (38,9%), somando 69,5% do total das respostas. Não obstante, frente às situações de perda narradas pelas mães (perda de um familiar, competição, de um animal de estimação ou de um brinquedo), a maioria relatou o uso de estratégias centradas no problema. Por sua vez, na história-estímulo dois, que relatava uma situação de briga entre irmãos como eliciadora de raiva, as mães tenderam a utilizar punição em 56,7% das vezes. Adicionalmente, nas narrativas das mães sobre situações em que o filho sentiu raiva também preponderaram as estratégias desadaptativas reação punitiva e minimização: 61,11% frente a brigas, 85,72% ao receber ordens e 50% perante ocasiões em que algo é negado à criança.

## DISCUSSÃO

Para avaliar as reações dos pais em relação à emoção tristeza, Melo (2005) verificou que as mães utilizavam mais estratégias de encorajamento da expressão emocional e focadas na resolução de problemas. Por sua vez, os pais utilizaram mais frequentemente a reação de minimização. Quanto aos pais e mães entrevistados por Eisenberg et al. (1996), ambos tenderam a reagir positivamente frente às emoções negativas dos filhos. Na presente pesquisa, o percentual de estratégias centradas no problema em-

pregado pela amostra de mães frente a situações de perda representou mais da metade das respostas. Todavia, é importante salientar que as estratégias de substituição e punição nessas ocasiões também se apresentaram significativas. Acredita-se que, com relação às mães desta amostra, quando ocorre perda material na qual elas entendem que houve falta de cuidados por parte da criança a reação tenda a ser punitiva, por outro lado, quando se compadecem da emoção de tristeza vivenciada pela criança, a resposta é de substituição ou resolução de problemas. A ausência da estratégia de validação da emoção estaria a indicar, na opinião das autoras, uma possível dificuldade das mães em lidar com a emoção de tristeza nos filhos.

No estudo de Kopp (1989), alguns pais encorajaram os filhos a pedir ajuda a um adulto ao invés de reagirem a uma discussão ou briga com colegas; outros disseram ser melhor que um problema fosse resolvido tão logo quanto possível para evitar que apenas houvesse lamentações sobre ele; outros ainda utilizaram estratégias como as de distrair a atenção dos filhos para que não percebessem situações angustiantes, e de ajudar na resolução de problemas que frustrariam as crianças. Em todas essas situações, verifica-se que a ênfase não se coloca sobre a emoção em si, mas na resolução do problema e em cessar a emoção negativa, o que foi constatado também nas respostas das mães do presente estudo.

No tocante aos eliciadores da emoção tristeza, Levine (1995) relatou que este sentimento aparece frente à perda de algo que se gosta ou deseja, quer seja uma pessoa, objeto ou animal ao qual se atribui grande importância. O mesmo ocorreu no presente estudo: 60% das respostas que indicavam os motivos geradores da tristeza das crianças, na percepção

das mães, envolviam perdas, confirmando, portanto, os resultados de Levine (1995). Já Del Barrio (2002) afirma que a maior causa de tristeza para as crianças relaciona-se à necessidade de afastamento da mãe. No presente estudo, verificou-se a ocorrência da emoção tristeza após a separação dos pais ou ao presenciar brigas e discussões dos mesmos. As mães do presente estudo, portanto, mostraram que conseguem discriminar de forma adequada os eliciadores da tristeza nos filhos.

Zamith-Cruz (2007) relata que a apreensão quanto a estar doente ou que outro significativo tenha uma doença também é um dos fatores responsáveis pela origem da tristeza. No presente estudo, na percepção das mães, o tema doença apareceu como eliciador de tristeza. Segundo Zamith-Cruz (2007), a criança se sente triste também ao ser punida, forçada a fazer algo que não gosta, ser impedida de realizar algo de que gosta ou, ainda, quando percebe que outras pessoas não estão se sentindo felizes. No presente estudo, as categorias “ouvir não como resposta” e “assistir a uma cena de tristeza” estiveram igualmente presentes como eliciadoras de tristeza sob o ponto de vista das mães.

Por sua vez, a raiva surge perante a crença de que se foi prejudicado ou negligenciado pelos outros (Levine, 1995). Por exemplo, ao ser zombado por amigo, discutir com colegas ou ter o livro rasgado por uma criança menor (Dias, Vikan, & Gravås, 2000). No presente trabalho, tais situações de brigas e discussões das crianças com irmãos, familiares e/ou amigos foram identificadas pelas mães como eliciadoras de raiva. Rotenberg (1985) identificou condições que precipitam a raiva na opinião de crianças, e verificou que a principal situação que gera tal sentimento é a de ser impedido por alguém de atingir um obje-

tivo. Segundo Levine (1995) a raiva pode ainda ser ocasionada por situações em que os resultados foram indesejáveis para a criança. Dias, et al. (2000) citam como exemplo a situação em que o pai proíbe o colega de brincar junto com seu filho. A percepção das mães deste estudo, manifestada quando dizem que seus filhos sentem raiva em momentos em que tem seus pedidos negados, confirma a literatura. Em geral, avaliando as reações das mães deste estudo frente às expressões de raiva e tristeza dos filhos, percebe-se que as mesmas apresentam falta de abertura para a expressão e conversa sobre as emoções. Dentre as estratégias indicadas nos relatos feitos por elas apenas duas respostas envolviam a validação das emoções: (1) quando uma das participantes citou que agiu desta maneira em uma situação em que seu filho ficou triste ao assistir a uma cena de tristeza e (2) outra quando relatou fazer o mesmo quando seus filhos sentem raiva ao ouvir não como resposta. O emprego de tais estratégias pelas mães da amostra indica dificuldade para lidar com a socialização parental das emoções infantis.

Sabe-se que os pais são fundamentais para um desenvolvimento emocional saudável dos filhos, auxiliando na promoção de bons relacionamentos sociais e de bem-estar psicológico (Melo, 2005). Pais que utilizam estratégias de enfrentamento negativas frente às emoções negativas dos filhos contribuem para um desenvolvimento emocional infantil precário, no qual a criança pode apresentar dificuldades para expressar e lidar com as emoções (Almeida, 2006; Del Barrio, 2002). E, ainda, podem criar filhos que expressam as emoções de maneiras intensas e que encontram dificuldades para se comportar de maneira adequada socialmente (Fabes, et al., 2001). Por outro lado, reações focadas no problema e aquelas que envolvem encorajamento para a ex-

pressão das emoções estão associadas ao controle da atenção infantil e à tendência das crianças a se afastarem das situações que lhes causam raiva (Eisenberg & Fabes, 1994).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo verificou que as mães participantes usaram consistentemente estratégias desadaptativas frente a situações em que os filhos expressam tristeza e raiva, especialmente as estratégias punição e minimização para raiva e punição e substituição para tristeza. A exceção ocorreu nas narrativas das mães em ocasiões em que perceberam os filhos tristes devido a perdas, quando então predominaram estratégias focadas no problema. As mães tiveram dificuldade para validar as emoções dos filhos e manejar de forma positiva situações nas quais eles apresentam raiva e tristeza deixando de aproveitar situações cotidianas para promover a educação emocional.

Esses resultados indicam a necessidade de desenvolver programas de intervenção preventivos de modo a ensinar às mães formas adaptativas de tolerar e lidar com estados emocionais negativos apresentados pelos filhos. A carência de estudos como este, que exploram a prática parental frente à expressão emocional da criança na população brasileira, mostra que a Psicologia Clínica direcionada à orientação de pais precisa conhecer melhor as fragilidades destes de modo a promover um serviço que atenda as suas demandas.

É importante e necessário que novas pesquisas identifiquem as estratégias empregadas pelos pais frente a expressões emocionais negativas dos filhos. Outros estudos deveriam enfatizar, ainda, a reação de pais e mães em face de emoções positivas das

crianças e, ainda, se há diferença na maneira como pais e mães lidam com as emoções de filhos do sexo masculino e do sexo feminino. Finalmente, sugere-se investigar se as variáveis: escolaridade, nível socioeconômico e características de personalidade têm influência nas estratégias parentais empregadas frente às expressões emocionais dos filhos.

## REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2012). *Crêditos de classificação econômica do Brasil*. São Paulo: ABEP.
- Almeida, M. B. M. (2006). *Socialização parental das emoções e a competência social da criança*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Aplicada. Recuperado em 19 março, 2013 de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/291>.
- Arango, M. I. R. (2007). Regulación emocional y competencia social en la infancia. *Diversitas*, 3(2), 349-363.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2002). *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners* (2<sup>nd</sup> ed.). Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Bauer, M., & Jovchelovitch, S. *A questão da metodologia em pesquisa: texto, imagem e materiais sonoros*. Texto não publicado. Curso de Extensão Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, RS.
- Bridges, L. J., Denham, S. A., & Ganiban, J. M. (2004). Definitional issues in emotion regulation research. *Child Development*, 75(2), 340-345.
- Cassano, M., Perry-Parrish, C., & Zeman, J. (2007). Influence of Gender on Parental Socialization of Children's Sadness Regulation. *Social Development*, 16, 210-231.
- Clark, L. (2009). *SOS Ajuda para pais: um guia prático para lidar com problemas de comportamento comuns do dia-a-dia*. Rio de Janeiro: Cognitiva.
- Del Barrio, M. V. del. (2002). *Emociones Infantiles: evolución, evaluación y prevención*. Madrid: Pirâmide.
- Dias, M. G. B. B., Vikan, A., & Grava, S. (2000). Tentativa de crianças em lidar com as emoções de raiva e tristeza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 49-70.
- Eisenberg, N., & Fabes, R. (1994). Mother's reactions to children's negative emotions: relations to children's temperament and anger behaviour. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40(1), 138-156.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Murphy, B. C. (1996). Parent's reactions to children's negative emotions. Relations to children's social competence and comforting behaviour. *Child Development*, 67, 2227-2247.
- Eisenberg, N., Spinrad, T. L. (2004). Emotion-related regulation: sharpening the definition. *Child Development*, 75(2), 334-339.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Shepard, S. A., Guthrie, I. K., Murphy, B. C., & Reiser, M. (1999). Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning. *Child Development*, 70 (2), 513-534.
- Fabes, R. A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990). *The coping with children's negative emotions scale: procedures and scoring*. Available from authors. Arizona State University. Recuperado em 19 março, 2013, de <http://www.public.asu.edu/~rafabes/cnesall.pdf>
- Fabes, R.A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental coping with children's negative emotions: Relations with children's emotional and social responding. *Child Development*, 72(3), 907-920.
- Fox, N. A., & Calkins, S. D. (2003). The development of self-control of emotion: Intrinsic and extrinsic influences. *Motivation and Emotion*, 27(1), 7-23.

- Garner, P. W., Jones, D. C., & Miner, J. L. (1994). Social competence among low-income preschoolers: Emotion socialization practices and social cognitive correlates. *Child Development, 65*, 622-637.
- Goodman, L. (1961). Snowball Sampling. *Annals of Mathematical Statistics, 34*(1), 148-170.
- Graziano, P. A., Reavis, R. D., Keane, S. P., & Calkins, S. D. (2007). The role of emotion regulation in children's early academic success. *Journal of School Psychology, 45*, 3-19.
- Gross, J. J., & Thompson, R. A. (2009). Emotion regulation: conceptual foundations. In J. J. Gross, (Ed.) *Handbook of Emotion Regulation*. (pp. 3-24) New York: The Guilford.
- Kopp, C. B. (1989). Regulation of distress and negative emotions: A developmental review. *Developmental Psychology, 34*(5), 1038-1045.
- Levine, L. (1995). Young children's understanding of the causes of anger and sadness. *Child Development, 66*(3), 697-709.
- Lopes, R. F. F., & Lopes, E. J. (2008). *Conhecendo-se para educar: uma visão comportamental-cognitiva da orientação de pais*. Uberlândia: Legis Summa.
- Melo, A. I. M. T. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. Recuperado em 19 março, 2013 de <http://hdl.handle.net/1822/4926>.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development, 16*(2), 361-388.
- Rotenberg, K. J. (1985). Causes, intensity, motives, and consequences of children's anger from self-reports. *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development, 146*(1), 101-106
- Santos, S. A. dos. (2005). Raciocínio emocional e regulação afetiva numa perspectiva desenvolvimental na infância. Recuperado em 19 março, 2013 de [http://www.bdttd.ufu.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=90](http://www.bdttd.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=90).
- Shields, A., Ryan, R., & Cicchetti, D. (2001). Narrative representations of caregivers and emotion dysregulation as predictors of maltreated children's rejection by peers. *Developmental Psychology, 37*(3), 321-337.
- Stake, R. (1994). Case studies. In N. Denzin, N.; Y. Lincoln. (Orgs.) *Handbook of Qualitative Research*. Londres: Sage, pag. 236-247.
- Thompson, R. A. (2001). Childhood anxiety disorders from the perspective of emotion regulation and attachment. In M. W., Vasey, M. R., Dadds (Ed.) *The developmental psychopathology of anxiety*. (pp. 160-182) New York: Oxford Press.
- Thompson, R. A., & Meyer, S. (2007). Socialization of emotion regulation in the family. In J. J. Gross (Ed.) *Handbook of emotion regulation*. (pp. 249-268) New York: Guildord Press.
- Zamith-Cruz, J. (2007). Intencionalidade psicológica em investigação: dar voz a crianças sobre a sua tristeza. *Intenções, 7*, 65-96.
- Zinck, A., & Newen, A. (2008). Classifying emotion: a developmental account. *Synthese, 161*(1), 1-25.

Recebido em 30 de setembro de 2014  
Revisado em 10 de outubro de 2015  
Aceito em 8 de fevereiro de 2016